Rio Grande do Sul: do político ao social

20/05/2024

Imaginação ao poder

Hoje, no turbilhão totalitário do neoliberalismo que eclipsou as mobilizações e sacramentou o hiperindividualismo, o espírito mercadista se universalizou a par do ressentimento avesso a uma política do bem comum, reduzida a uma *realpolitik* de negociações na institucionalidade. Trata-se de lutar por uma sociedade que não considere o ser humano como uma mísera fração econômica, descartável feito um peão no xadrez, como faz o sistema capitalista e seus *think tanks* para reduzir as cabeças com a desregulamentação dos órgãos estatais de controle sobre a majestade do mercado.

A “fenomenologia dos afetos” releva o dogmatismo dos antigos PCs e a elisão de sovietes na ex-URSS. Se a subjetividade do camarada genérico é minada pela burocracia do aparelho partidário, então o processo de burocratização conseguiu destruir os liames da crítica. No lugar, foi posto um vazio de pensamento sem a aspiração de uma nova ordem social. Tamanho tropeço encaixa-se na traição à dialética nos anos 1930 e no assassinato de Trotski. Toda fé determinista na história rompe com um marxismo aberto e com os valores emancipatórios, pois suspende a autonomia individual.

O futuro depende da combinação do socialismo com a democracia. Esse é o significado do slogan sessentista *l’imagination au pouvoir* (a imaginação ao poder). É o que distingue o vero militante. A saber, o “profeta” na acepção do Primeiro Testamento bíblico de quem aponta caminhos alternativos para abrir o horizonte da manhã. A história das ideias políticas explica o exercício do poder através de diversas figuras: o príncipe, o senhor, o cidadão, o burguês, o general, o presidente. Jodi Dean, ao enaltecer as mentes e os corações dos que se batem pelos ideais associativos, civilizatórios, pós-capitalistas, homenageia o protagonismo de um sujeito injustamente esquecido; sim, o camarada.

Do político ao social

O Rio Grande do Sul iniciou a *via crucis* por entre as mudanças climáticas que atingem a Ásia e a África. Os neoliberais deram enorme cota de contribuição à tragédia: por parte de um governador que segue a trilha

predatória do desgoverno bolsonarista, na flexibilização das leis de proteção ambiental “para deixar a boiada passar”; e por parte do prefeito de Porto Alegre que torna o meio ambiente uma mercadoria monetizável, em parques. Anunciada nas Conferências Internacionais sobre o Clima, a hecatombe encontrou as comportas abertas no triste outono sul riograndense, pelo negacionismo científico tucano e a incúria que relegou os instrumentos municipais de prevenção.

Resultado: 458 municípios atingidos; 320 em emergência por perder parcialmente as condições de resposta institucional; 46 em calamidade, com prefeituras totalmente incapacitadas de responder ao infortúnio, incluindo a Capital e a Região Metropolitana; 500 mil moradores desalojados das casas; 80 mil em abrigos públicos ou improvisados – escolas e universidades, destaque para a Unisinos que acolheu 6 mil criaturas desamparadas. Somam-se aos 155 mortos, 90 desaparecidos. O luto escorre na angustiada indagação de um poeta: “E agora José? / Com a chave na mão / quer abrir a porta, / a porta não existe. / Se você cansasse / se você morresse. / Mas você não morre, / você é duro, José!”

Numa interpretação solta, o poema dialoga com as profecias de José Lutzenberger, fundador da visionária Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN, 1971) e, ainda, autor de *Fim do futuro? Manifesto ecológico brasileiro* (1976). Sobraram alertas à irracionalidade de um industrialismo destrutivo, envolto na dinâmica insaciável do lucro. A violência contra a natureza e a expansão desordenada dos núcleos urbanos, na beira de rios e lagos, eram prenúncios de desgraças.

O governo federal e o presidente Lula demonstram empatia no atendimento aos “novos farrapos”, com medidas concretas. Membros da Defesa Civil, de Alagoas, trazem drones avançados para mapear as zonas de risco na chuva, com a expertise adquirida no cataclismo causado pela empresa Brasken, na extração de sal-gema do subsolo de Maceió. O povo protagoniza ações solidárias com alimentos, medicamentos, roupas, toalhas, produtos de higiene, absorventes, escovas de dentes, colchões, e o carinho às vítimas sobreviventes. Os Correios assumem a distribuição gratuitamente.

A comoção sacode a realidade paralela, que reage com *fake news* para desorganizar os trabalhos, esfriar os ânimos e propagar a confusão cognitiva. Interessa desautorizar o Estado participativo e a solidariedade, obstáculos à gentrificação para expulsar o pobrerio de locais cobiçados e aprofundar as privatizações, a título da reconstrução pós-dilúvio. Fenômeno analisado por Naomi Klein, em *A doutrina do choque – A ascensão do capitalismo de desastre*. Com suas consultorias financeiras, os amigos da acumulação de oportunidade anteveem o gozo na babel, para radicalizar o livre mercado.

No ínterim, uma miríade de voluntários perscruta com barcos as ruas submersas para salvar corpos do abandono, nas ilhas do Guaíba e nos bairros de Canoas. O resgate para além das pessoas inclui mascotes (gatos, cachorros) e o cavalo Caramelo. Não há registros de cuidado com os animais na grande enchente de 1941. A incipiente consciência acerca das consequências sociais do “racismo ambiental”, que recai sobre as populações acometíveis, alastra-se pelas comunidades periféricas. Os que mais sofrem e desesperam são os de sempre, na trajetória supremacista do continente Brasil.

No caos instalado, atores humanitários anônimos ampliam e transpõem a noção de “camarada” da esfera do político para a esfera social. Não importa que a percepção seja infinita somente no tempo que durar a epifania de salvamento. A compreensão de que a resiliência plural é capaz de confrontar o modelo hegemônico na sociedade, pautado no ultraliberalismo da guerra de todos contra todos, é *per se* um fator de politização das massas. O movimento em fusão sociopolítica recende a esperança estampada no lema do Fórum Social Mundial (FSM), que o RS sediou nas edições inaugurais do evento altermundista – “Um outro mundo é possível”. Já tem até nome de batismo: Ecossocialismo.

A situação atual tem uma importante conexão com uma reflexão produzida recentemente sobre o livro Camarada, de Jodi Dean. Pela ponte entre o artigo anterior e a situação atual, vale retomar aqui.

Comentário a partir do livro de Jodi Dean

A nova-iorquina Jodi Dean, professora de teoria política e teoria feminista, em *Camarada: um ensaio sobre o pertencimento político* (Boitempo), estuda os afetos em torno da identidade política, da lealdade ao programa de superação do *status quo* e da irmandade cotidiana daquelas e daqueles que comungam os sonhos revolucionários. A palavra "camarada" condensa no tratamento o que projeta nas relações sociais, presentificando o futuro e pondo em prática uma utopia, aqui e agora.

Na apresentação, Christian Dunker destaca: "Sob esse significante de resistência, reúnem-se formas múltiplas de vida e identidades caracterizadas por uma condição comum, de luta pela igualdade e pela solidariedade. Comunistas, socialistas, anarquistas, cooperativistas são todos camaradas; mas, ainda que ele possa ser qualquer um, nem todo mundo pode ser um camarada. A diferença entre ser igual e desejar na mesma direção torna-se assim crucial. O camarada é um indutor da experiência do comum, experiência orientada pela fidelidade a uma verdade". Tem convicção e oferece provas.

A etimologia latina de camarada remonta à *camera*, quarto ou abóboda, o espaço que estabelece a divisória entre quem está dentro e quem está fora. Em francês, *camarade* indica umquartel, algo compartilhado por soldados. Em alemão, *genosse* está vinculada ao verbo *geniessen*, que indica o desfrute coletivo de uma propriedade. Em russo, *tovarish*, advém de *tovar*, que reporta a irmãos no comércio. Em chinês, *tongzhi* substitui as designações de hierarquia e de gênero pelos vetores igualitaristas. Para Slavoj Zizek, "é o grau zero do comunismo, pressuposto da nova ordem social".

Hasta la victoria

Jodi Dean compara o camarada a uma multidão. Ambos têm a mesma substância, uma "descarga igualitária". O igualitarismo é a senha. A diferença é que na multidão as vibrações intensas são momentâneas; nos camaradas, permanentes. Tal corresponde a um ideal do eu com a expectativa de uma intervenção para modificar a realidade, ao lado dos que marcham e cantam *A Internacional.*

"Ao lutarmos juntos por um mundo livre de exploração, opressão e intolerância, precisamos poder confiar uns nos outros e contar uns com os outros. A palavra camarada nomeia essa relação". O som que a identifica tem um caráter igualador e anti-hierárquico, por sobre as diferenças de sexo, raça ou classe persistentes no capitalismo. Mais, engendra atitudes: (a) disciplina; (b) alegria; (c) coragem e; (d) entusiasmo. Ser de esquerda, por suposto, é ter compromissos com a transformação radical. Para isso, é indispensável o companheirismo entre os que se dão as mãos na luta *hasta la victoria.*

O vocábulo da esquerda mundial equivalente a "companheira / companheiro" exprime o utopismo. A impressão, vivida, de que a unidade na ação em organizações anticapitalistas antecipa a sociedade socialista deve-se ao contraste com o que está aí. O perigo consiste em minimizar a necessidade da reeducação para ultrapassar a barreira da "liberdade dos modernos", focada apenas na vida privada.

O sujeito político

"Quando as pessoas dizem 'camarada' elas mudam o mundo". A assertiva evoca o conto de Máksim Górki, de mesmo título, também publicado pela Boitempo. No conto, ao ecoar o chamativo em uma cidade hostil aos mais pobres, os vulneráveis tomam consciência de sua força e rompem os grilhões da escravidão ideológica. A cena em que uma prostituta sente a mão em seu ombro e, ao escutar o enunciado, se coloca a chorar é muito marcante. Sinaliza o instante em que ela deixa de ser um objeto sexual de consumo, para se tornar o sujeito político das mudanças em um destino lúgubre.

Jodi Dean sublinha a passagem da melancolia à euforia, com a citação d'*Os condenados da terra*, de Frantz Fanon, que enfeixa a seminal obra anticolonialista com a ode aos que cumprem papel de parteiras de outro mundo: "Pela Europa, por nós mesmos e pela humanidade, camaradas, temos de mudar de procedimento, desenvolver um pensamento novo, colocar de pé um homem novo".

Na continuação, cita *Homenagem à Catalunha*, de George Orwell, que comemora a Barcelona de 1936 na Guerra Civil Espanhola com a camaradaria utópica. "As formas servis e cerimoniosas de tratamento tinham

desaparecido temporariamente. Ninguém mais dizia ‘*señor*’, ‘*dom*’, ‘*usted*’; todos se chamavam de ‘ *camarada*’ e ‘*tú*’, e diziam ‘*salud!*’ em vez de ‘*buenos días”*’ – um brinde.

A Comuna de Paris

A camaradagem vai além da fraternidade entre irmãos. Segundo Frida Kahlo, inclusive, vai além do amor, aludindo o relacionamento com Diogo Rivera: “Diogo não é marido de ninguém e nunca será, mas é um grande camarada”. Nem o sangue ou o casamento servem de medida. Tampouco heranças por parentesco, que subtraem o laço material onde uns precisam dos outros. A união na batalha tem conotação política; o amor e a amizade exprimem a relação de interpessoalidade. Em conjunturas polarizadas, política, amor, amizade entram em conflito e se fragmentam em vez de se harmonizar.

Em 1866, em um texto dirigido à Associação Internacional dos Trabalhadores, Marx corrobora os vínculos de afeição: “É um dos grandes propósitos da associação fazer que os trabalhadores de diferentes países não apenas se *sintam*, mas também *ajam* como camaradas no exército da emancipação”. Não basta compartilhar um programa político, para a real *práxis* transformadora.

Os *communards* da Comuna de Paris equivalem ao “camarada genérico”. Em uma efetiva revolução popular estavam na mesma trincheira, ombro a ombro. O termo é adotado pelos socialistas em fins do século XIX, na Alemanha. Na Inglaterra, propaga-se na acepção de Walt Whitman que – na base do homossocialismo – salienta a estreita interconexão entre a cumplicidade e a camaradagem. Em qualquer período ou geografia, para ser um camarada há que ter empatia com o sofrimento do outro.

***Luiz Marques** é Docente de Ciência Política na UFRGS, ex-Secretário de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul.*

Compartilhe nas redes: